

O Outro Consolador não é o Espiritismo

“As coisas estão num ponto tal que os homens não admitem mais ser corrigidos a esse respeito, defendendo obstinadamente aquilo a que se agarram como se fosse a religião”. (ESPINOSA, 2003).

Essa frase de Baruch de Espinosa (1632-1677) representa muito bem o que vemos nos dias atuais de fiéis das religiões tradicionais, especialmente as ditas evangélicas e uma boa parte dos sites mais importantes de orientação católica; encaixa-lhes de tal forma que até parece que Espinosa tenha falado para eles.

Assim, também, destacamos a frase do Papa Francisco, por ser, também, contra qualquer sectarismo agressivo:

Não há necessidade de consultar um psicólogo para saber que quando você denigre o outro é porque você mesmo não consegue crescer e precisa que o outro seja rebaixado para você se sentir alguém. (Paróquia Santa Cruz, Guarapuava, PR, acesso pelo link: http://www.paixaopelavida.net/site/?page_id=1765).



Daí ficarmos, de certa forma, constrangidos ao ver pessoas, que se arvoram em se dizerem cristãs, não seguirem o exemplo daquele que afirmam trilhar os passos, pois não há, em nenhum texto bíblico, algum relato de que Jesus tenha depreciado, denegrado, combatido, excomungado a religião de quem quer que seja, porquanto Ele tinha a certeza de que mais vale o sentimento de religiosidade do que o rótulo religioso que se segue.

Isso fica claro, “como água cristalina”, na passagem do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), em que este, apesar de ser considerado um herege, foi citado por Jesus como exemplo a ser seguido; isso, é bom que se ressalte, em detrimento do daqueles que conheciam as Leis “divinas” – o sacerdote e o levita –, que, provavelmente, pelo simples fato de serem religiosos, se orgulhavam de serem considerados *experts* nelas.

Temos dito que não é uma boa política ao crente querer valorizar sua crença detonando a dos outros, pois isso só demonstra que a sua, isoladamente, não vale nada, porquanto, se valesse alguma coisa, ele faria de tudo para ressaltar isso, sem se preocupar com a crença alheia.

Ademais, pessoas que gastam seu tempo para elaborar textos ou artigos contra qualquer outra religião, certamente, não o tem para praticar alguma ação no bem, e fere, talvez até sem se darem conta, este conselho de Jesus: “*Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles*”. (Mt 7, 12).

Entre vários outros sites destacamos o do Centro Apologético Cristão de Pesquisas CACP (<http://www.cacp.org.br/>), de cunho evangélico, cujo objetivo é o de tão somente atacar todas as religiões, incluindo, os demais seguimentos protestantes que não seguem o entendimento deles, a respeito do que seja Cristianismo. Não temos dúvidas de que os seus administradores são adeptos, ainda que não o saibam, deste pensamento atribuído a Santo Agostinho (354-430):

Fora da Igreja Católica pode encontrar-se tudo, menos a salvação. Pode-se ter honra, pode haver Sacramentos, pode cantar-se o “Aleluia”, pode responder-se o “Amém”, pode defender-se o Evangelho, pode ter-se fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo e, inclusive, até pregá-la. Mas nunca, se não for na Igreja Católica, pode encontrar-se a salvação. (<http://www.pr.gonet.biz/frases.php?autor=Santo%20Agostinho%20%28354-430%29>).

É um exclusivismo que ainda se persiste em manter vivo, isso em pleno século XXI,

onde o respeito à opinião e a tolerância religiosa são algo que uma parcela bem significativa da Humanidade tem como um bom efeito da evolução das relações sociais entre os homens.

Allan Kardec (1804-1869), num certo momento, discorrendo sobre os que advogam para si essa exclusividade na relação com Deus, como se Ele fosse propriedade deles, disse:

[...] o dogma – *Fora da Igreja não há salvação* – se estriba, não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, porém *numa fé especial, em dogmas particulares; é exclusivo e absoluto. Longe de unir os filhos de Deus, separa-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e sanciona a irritação entre sectários dos diferentes cultos que reciprocamente se consideram malditos na eternidade, embora sejam parentes e amigos esses sectários.* [...] Com o dogma – *Fora da Igreja não há salvação*, anatematizam-se e se perseguem reciprocamente, vivem como inimigos; o pai não pede pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, desde que mutuamente se consideram condenados sem remissão. **É, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.** (KARDEC, 2007c, p. 265-266, grifo nosso).

Os detratores gratuitos do Espiritismo deveriam pensar nisso. Aliás, provavelmente, não sabem (ou tentam ignorar) que, desde o seu início, ele vem sofrendo vigorosos ataques; mas, passados um pouco mais de um século e meio de seu aparecimento, continua mais firme do que nunca. Kardec, inclusive, propunha a seus adversários:

Vós que combateis o Espiritismo, se quereis que o abandonemos para vos seguir, dai-nos mais e melhor do que ele; curai com maior segurança as feridas da alma. Dai mais consolações, mais satisfações ao coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; fazei do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; porém, **não julgueis vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno, ou com a inútil contemplação perpétua.** (KARDEC, 2007e, p. 44, grifo nosso).

Será que os detratores da atualidade, geralmente cegos pelo fanatismo que lhes é peculiar, se julgam mais inteligentes ou muito mais iluminados do que os de antanho, supondo-se mais capazes do que eles para “detonar” de vez com o Espiritismo?

Em *O Livro dos Médiuns* (1861), Kardec fez as seguintes considerações:

O Espiritismo não pode considerar crítico sério, senão aquele que tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que do assunto saiba tanto quanto qualquer adepto instruído; que haja, por conseguinte, haurido seus conhecimentos algures, que não nos romances da ciência; aquele a quem não se possa opor *fato algum* que lhe seja desconhecido, nenhum argumento de que já não tenha cogitado e cuja refutação faça, não por mera negação, mas por meio de outros argumentos mais peremptórios; aquele, finalmente, que possa indicar, para os fatos averiguados, causa mais lógica do que a que lhes aponta o Espiritismo. **Tal crítico ainda está por aparecer.** (KARDEC, 2007b, p. 34, grifo nosso).

Essas considerações iniciais são necessárias, porquanto delas se pode ver que são totalmente inúteis as verborragias lançadas contra o Espiritismo, que, segundo o Censo de 2010, promovido pelo IBGE, tem relativamente mais pessoas com curso superior que todas as outras professadas pelos brasileiros ([clique aqui](#)), demonstrando, que, mesmo sem fazer o mínimo esforço para convencer alguém, tipo bater de porta em porta ou incentivar que se faça o proselitismo como fazem certos seguimentos cristãos, tem atraído as pessoas com maior grau de estudo; justamente a camada social onde se encontram os indivíduos questionadores, que são os de mente mais aberta.

Vamos analisar o que foi colocado no site do CACP com o título “O Outro Consolador”, artigo com o qual desenvolvem novos ataques ao Espiritismo. O que dele transcervermos estará entre bordas e com plano de fundo na cor cinza azulado, e o que for de outros textos,

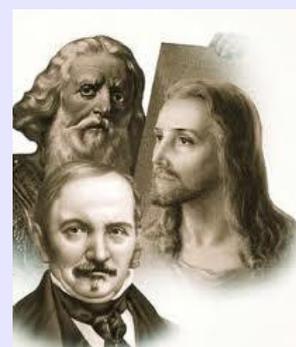
de nossa autoria, destacaremos com plano de fundo em amarelo, para melhor visualização.

O Outro Consolador

Espírito Santo de Deus

por Pr. João Flávio Martinez

Ele é denominado Espírito do Senhor (2 Coríntios 3:17-18), Espírito de Deus (Romanos 8:9), Espírito de Cristo (Romanos 8:9), Espírito Santo (Atos 1:8; 1 Coríntios 6:19), Espírito (Romanos 8:26), entre outros Nomes. Ele é Deus (2 Coríntios 3:17-18; Hebreus 9:14).



O que certos líderes evangélicos mais gostam de fazer é citar uma extensa lista de passagens bíblicas pensando confirmar sua crença ou sua exegese; como a maioria das pessoas confia neles, cegamente, por isso aceita suas "verdades", eles ficam tranquilos, achando que seus argumentos são suficientemente fortes para convencer a todos.

Vejamos alguns dos passos citados pelo opositor:

2Cor 3,17-18: *"pois o **Senhor é o Espírito**; e onde se acha o Espírito do Senhor aí existe a liberdade. E nós que, com a face descoberta, refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente pela ação do **Senhor, que é Espírito**".*

O Senhor aqui se refere a Deus, e, de fato, Deus é espírito (Jo 4,24); não se trata, portanto, de alguma referência a um suposto Espírito Santo. E, tomando do que aqui é dito, perguntamos: Será que o "Espírito do Senhor" existe nas igrejas em que não há liberdade, já que seus fiéis são obrigados a acreditar nos seus líderes, sob pena de excomunhão?

Mas vejamos uma outra tradução, a da Novo Mundo, para o versículo 17:

*"Ora, **Jeová**, é o Espírito; e onde estiver o espírito de Jeová, ali há liberdade".*

Fica aí confirmado o que dissemos sobre a quem se refere à palavra **Espírito**.

Rm 8,9: *"Uma vez que **o Espírito de Deus habita em vocês**, vocês já não estão sob o domínio dos instintos egoístas, mas sob o Espírito, pois quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a ele".*

1Cor 6,19: *"Ou vocês não sabem que **o seu corpo é templo do Espírito Santo**, que está em vocês e lhes foi dado por Deus? Vocês já não pertencem a si mesmos".*

Considerando que existe uma grande probabilidade de o início do primeiro passo ser "Uma vez que **UM** espírito de Deus habita em vocês", porquanto, está dito que Deus é "Pai dos espíritos" (Hb 12,9) e o do segundo "Ou vocês não sabem que o seu corpo é templo de **UM** espírito santo?", uma vez que a expressão "**O** Espírito Santo" só veio a fazer parte dos textos bíblicos após a sua imposição pelo Concílio de Niceia, em 325.

At 1,8: *"Mas o **Espírito Santo descera sobre vocês**, e dele receberão força para serem as minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os extremos da terra".*

Usando-se do mesmo procedimento do item anterior, temos: "Mas **UM** espírito santo descera sobre vocês", com o que se comprova a possibilidade dos espíritos se manifestarem aos homens.

Paulo, em carta aos coríntios, dizia-lhes dos "dons do espírito", o que, para nós, nada mais são do que "dons mediúnicos", ou seja, a faculdade mediúnica. Entre os vários "dons" ele menciona o "*dom de discernir os espíritos*" (1Cor 12,10), provando, portanto, que os espíritos se manifestavam; daí a necessidade de distinguir os bons dos maus.

Por que dissemos "um suposto Espírito Santo"? A resposta nós a transcrevemos do

texto de nossa autoria intitulado "Trindade: um mistério criado por um leigo, anuído pelos teólogos", disponível em nosso site ([clique aqui](#)):

Pesquisando no Novo Testamento, pela Bíblia Eletrônica v. 1.0 – RK Soft, observamos que a expressão "Espírito Santo", tem 94 ocorrências, sendo que 57% delas estão em Lucas – Evangelho e Atos. Especificamente, nos Evangelhos sinópticos aparece: Mateus 06 vezes; Marcos 04 vezes e Lucas 12 vezes. Em João só surge 03 vezes, sendo que no Apocalipse não há uma citação sequer. Nas quatorze cartas de Paulo identificamos 19 ocorrências (20%). Esses dados nos parecem, à primeira vista, algo muito estranho, pois era de se esperar que, em se acreditando no Espírito Santo, como uma das pessoas da Trindade, o seu nome fosse citado de forma equivalente em todos os autores e não só aparecer poucas vezes em Mateus, Marcos e João, e excessivamente em Lucas, que, como sabemos, já que ele mesmo informa, escreveu do que ouviu dizer. Não terá isso sido exatamente por conta de posteriores alterações? Infelizmente não temos mais os escritos originais, pelos quais a comprovação disso seria fácil; aliás, ficamos a pensar: será que a "queima" de arquivo dos textos "heréticos", promovida pela Igreja Católica, não vinha justamente esconder tal fato?

Ajudará muito o nosso entendimento o que Baruch de Espinosa (1632-1677), filósofo do século XVII, disse, em sua obra *Tratado Teológico-Político*, sobre a expressão "Espírito de Deus":

Com esses elementos, já podemos facilmente entender e **explicar as passagens da Escritura em que se menciona o Espírito de Deus. De fato, o Espírito de Deus, o Espírito de Jeová, em algumas dessas passagens, não significa outra coisa que um vento fortíssimo, extremamente seco e funesto**, como em Isaías, cap. XL, 7: *o vento de Jeová soprou sobre ele*, isto é, vento extremamente seco e funesto. E no *Gênesis*, cap. I, 2: *e o vento de Deus (ou vento fortíssimo) movia-se sobre as águas*. A mesma expressão significa ainda grande força: assim, a força de Gedeão e de Sansão é designada, nos textos sagrados, por *Espírito de Deus*, isto é, força cheia de audácia e pronta para tudo. Da mesma maneira **chama-se Espírito ou virtude de Deus a toda a virtude ou força fora do comum**, tal como no *Êxodo*, cap. XXXI, 3: *e enchê-lo-ei (a Beseleel) do Espírito de Deus*, ou seja (como explica a própria Escritura), de engenho e arte acima do comum dos homens. E em *Isaías*, cap. XI, 2: *repousará sobre ele o Espírito de Deus*, quer dizer, conforme o profeta explica mais adiante, e à semelhança do que acontece frequentemente nos textos sagrados, a virtude da sabedoria, da prudência, da fortaleza, etc. Igualmente a melancolia de Saul é referida como um *Espírito maligno de Deus*, isto é, uma melancolia profundíssima: foram, de fato, os criados que o convenceram a chamar para junto de si um músico que o divertisse tocando cítara, o que prova que, não obstante chamarem à melancolia de Saul melancolia de Deus, a tinham por melancolia natural.

O Espírito de Deus significa ainda a própria mente do homem, como em *Jó*, cap. XXVII, 3: *e o Espírito de Deus no meu nariz*, por alusão à passagem do *Gênesis* em que Deus insufla o sopro da vida no nariz do homem. Igualmente Ezequiel, profetizando aos mortos, diz (cap. XXXVII, 14): *dar-vos-ei o meu Espírito e vivereis*, ou seja, restituir-vos-ei a vida. No mesmo sentido, afirma-se em *Jó*, cap. XXXIV, 14: *se Ele (Deus) quiser, recolherá o seu Espírito (isto é, a mente que nos deu) e a sua alma*. É desse modo que se deve também entender o *Gênesis*, cap. VI, 3: *nunca mais o meu espírito raciocinará (ou discernirá) no homem, porque ele é carne*; ou seja, a partir de agora, o homem agirá segundo a lei da carne e não da mente que Eu lhe dei para que discernisse o bem. Do mesmo modo no *Salmo* LI, 12, 13: *cria em mim, ó Deus um coração puro e renova em mim um espírito (um apetite) decente (moderado), não me afastes do teu olhar nem me tires a ideia da tua santidade*. Como acreditavam que a única fonte dos pecados era a carne, enquanto a mente só aconselhava o bem, o salmista invoca o auxílio de Deus contra o apetite carnal, ao passo que para a mente, que lhe foi dada pelo Deus Santo, só pede que Deus lhe conserve. Ora, assim como a Escritura costuma descrever Deus à semelhança do homem e, dada a ignorância do vulgo, atribuir-lhe mente, vontade, paixões, até mesmo um corpo e um hálito, assim também utiliza muitas vezes *espírito de Deus* por mente, quer dizer, por ânimo, paixão, força e hálito da boca de Deus. Assim, *Isaías*, no cap. XL, 13, pergunta: *quem dispôs o espírito de Deus (ou a mente)*,

quer dizer, quem, a não ser o próprio Deus, levou a mente divina a querer algo? E no cap. LXIII, 10: *encheram de amargura e de tristeza o espírito da sua santidade*. É por isso que Espírito de Deus se costuma traduzir por Lei de Moisés, dado que, de algum modo, ela exprime a mente de Deus, conforme se observa em *Isaías*, no mesmo capítulo, verso 11: *onde está (o) que pôs no meio deles o espírito da sua santidade (?)*, isto é, a Lei de Moisés, de acordo com todo o contexto da frase. E em *Nehemias*, cap. IX, 20: *deste-lhes o espírito, a tua mente boa, para os tornares inteligentes*. Isso por alusão ao tempo da Lei, a qual também alude aquela passagem do *Deuteronômio* cap. IV, 6, em que Moisés diz: *porque ela (a Lei) é a vossa ciência e a vossa prudência*, etc. O mesmo se passa no *Salmo CXLIII*, 10: *a tua mente boa conduzir-me-á pela planície*, isto é, a tua mente, que nos foi revelada, conduzir-me-á pelo reto caminho.

Mas Espírito de Deus, como dissemos, significa também o hálito, que a Escritura, à semelhança do que faz com a mente, o ânimo e o corpo, imprópriamente atribui a Deus, como acontece no *Salmo XXXIII*, 6; significa ainda o poder, a força, ou virtude de Deus, como em *Jó*, cap. XXXIII, 4: *o espírito de Deus me criou*, quer dizer, a sua virtude, o seu poder ou, se quisermos, o seu decreto. E o salmista, falando poeticamente, diz ainda que por ordem de Deus foram feitos os céus e pelo espírito ou sopro da sua boca (isto é, pelo seu decreto, emitido como que por um sopro) se criou todo o seu exército. O mesmo acontece no *Salmo CXXXIX*, 7: *aonde irei (que esteja) fora do teu espírito, ou para onde fugirei (que fique) fora do teu alcance*, quer dizer, como se vê pelas passagens em que o próprio salmista desenvolve depois esta ideia, aonde posso eu ir que escape ao teu poder e à tua presença?

Finalmente, Espírito de Deus emprega-se nas Escrituras para significar as predisposições da vontade divina, a sua bondade e misericórdia, como em *Miqueias*, cap. II, 7: *acaso diminuiu o espírito de Deus (quer dizer, a sua misericórdia)? São essas (crueldades) as suas obras?* Iguamente em *Zacarias*, cap. IV, 6: *não por meio de um exército, nem pela força, mas apenas pelo meu espírito*, ou seja, apenas pela minha misericórdia. É nesse sentido que penso dever entender-se também o verso 12 do capítulo VII do mesmo profeta: *e o seu coração tornou-se astucioso, para não obedecerem à Lei e aos Mandamentos que Deus, através dos primeiros profetas, lhes enviou segundo o seu espírito* (isto é, a sua misericórdia). Diz, no mesmo sentido, *Ageu*, cap. II, 5: *o meu espírito (ou a minha graça) permanece entre vós, não tendes medo*. Quanto ao que diz *Isaías* – *e agora o Senhor Deus me enviou, e o seu espírito* (cap. XLVIII, 16) – tanto pode entender-se por vontade e misericórdia de Deus como ainda pela sua mente revelada na Lei. Com efeito, ele diz: *desde o princípio* (desde a primeira vez que vim junto de vós para pregar a cólera de Deus e a sentença por ele proferida contra vós) *jamais falei às escondidas, desde que ela foi* (proferida) *eu compareci* (como o profeta confirmou no cap. VII), mas agora sou um mensageiro da alegria enviado pela misericórdia de Deus para cantar a vossa restauração. Também pode, como disse, traduzir-se por mente divina revelada na Lei, quer dizer, por aquilo de que o profeta, conforme já estava determinado na Lei (*Levítico*, cap. XIX, 17) os veio advertir. Por isso ele os adverte nas mesmas condições e do mesmo modo que Moisés costumava fazer. E termina, enfim, predizendo-lhes a restauração, como também fizera Moisés. A primeira explicação parece-me, no entanto, mais ajustada.

Dito isso, e para voltar, finalmente, ao que nos interessa, ficam explicadas frases como estas **que vêm na Escritura: o profeta teve o espírito de Deus, Deus infunde o seu espírito nos homens, os homens estão repletos do espírito de Deus e do Espírito Santo, etc. Na verdade, elas significam apenas que os profetas eram dotados de uma virtude singular e acima do comum e cultivavam, com exímia perseverança, a piedade, além de que percebiam a mente e a intenção de Deus**. Demonstramos, com efeito, que espírito tanto pode significar em hebraico a mente como a intenção e que, por tal motivo, a própria Lei, na medida em que exprimia a mente de Deus, era designada por mente ou Espírito de Deus. Por idêntico motivo, a imaginação dos profetas podia designar-se por mente de Deus, já que por ela eram revelados os decretos divinos, e podia dizer-se que os profetas tinham a mente de Deus. E embora a mente de Deus e os seus eternos pensamentos estejam igualmente inscritos na nossa mente e, por conseguinte, também nós compreendemos (para falar como a Escritura) a mente de Deus, no entanto, como o conhecimento natural é comum a todos, já não possui, conforme dissemos, o mesmo valor aos

olhos dos homens, em particular dos hebreus, que se gabavam de ser superiores a todos e, em geral, tinham até desprezo por todos, desprezando, conseqüentemente, a ciência que é comum aos homens. Por último, **dizia-se que os profetas tinham o espírito de Deus porque os homens ignoravam as causas do conhecimento profético e, por isso, admiravam-no e atribuíam-no a Deus, como faziam com qualquer outro prodígio, chamando-lhe conhecimento de Deus.**

Pode-se, pois, afirmar agora sem nenhuma reticência que os profetas não perceberam a revelação divina senão através da imaginação, isto é, mediante palavras ou imagens, as quais ora eram reais, ora imaginárias. Na verdade, se não encontramos na Escritura outros meios além destes, também não nos é lícito, conforme demonstramos, inventá-los. No que toca, porém, às leis da natureza segundo as quais tal aconteceu, confesso que as ignoro. Poderia, evidentemente, dizer, como outros fazem, que é em virtude do poder de Deus, mas isso não passava de conversa fiada. Seria o mesmo que querer explicar a forma de qualquer coisa singular por um termo transcendental. De fato, tudo é feito pelo poder de Deus e, além disso, na medida em que o poder da natureza não é senão o próprio poder de Deus, nós não compreenderemos este enquanto ignorarmos as causas naturais. É, portanto, insensato recorrer a ele quando ignoramos ainda a causa natural de qualquer coisa, que o mesmo é dizer, o próprio poder de Deus. Verdadeiramente, nem sequer é preciso sabermos qual a causa do conhecimento profético: como já disse, o que tentamos aqui analisar são apenas os ensinamentos das Escrituras, para deles extrairmos, como se se tratasse de dados naturais, as nossas conclusões. Quanto às causas de tais ensinamentos, essas não nos preocupam.

Tendo, portanto, os profetas percebido pela imaginação o que Deus lhes revelou, não restam dúvidas de que eles poderiam ter percebido muitas coisas que excedem os limites do entendimento, pois com palavras e imagens se podem compor muitas mais ideias do que só com os princípios e as noções em que se baseia todo o nosso conhecimento natural.

É, além disso, evidente a razão por que os profetas perceberam e ensinaram quase tudo por parábolas e enigmas e exprimiram sob forma corpórea todas as coisas espirituais: é que assim elas se adaptam melhor à natureza da imaginação. E não é para admirar o fato de as Escrituras ou os profetas falarem tão imprópria e obscuramente do espírito ou da mente de Deus, como nos *Números*, cap. XI, 17, nos *Reis*, livro I, cap. XXII, 2, etc. Ou de Miqueias ver Deus sentado, enquanto Daniel o vê com o aspecto de um ancião vestido de branco e Ezequiel como uma chama; ou ainda de os discípulos de Cristo terem visto o Espírito Santo como uma pomba que descia e os apóstolos o verem como línguas de fogo; ou, finalmente, de Paulo, antes da conversão, ter visto uma grande luz. Tudo isso está, com efeito, plenamente de acordo com o que o vulgo imagina sobre Deus e os espíritos.

Por último, e porque a imaginação é vaga e inconstante, a profecia era depressa esquecida pelos profetas, além de não ser frequente, mas extremamente rara, isto é, concedida a muito poucos homens e, mesmo a estes, só muito raramente. Assim sendo, temos de ver agora onde é que se baseava a certeza dos profetas a respeito de coisas que percebiam apenas pela imaginação e não pelos princípios certos da mente. Porém, tudo quanto acerca disso se pode afirmar tem de ser extraído da Escritura, visto não possuímos, como já disse, uma verdadeira ciência de tais assuntos nem os poderemos explicar pelas causas primeiras. Vou, por isso, expor no próximo capítulo o que a Escritura ensina sobre a certeza que possuíam os profetas, visto que são eles, precisamente, o tema que aí decidi abordar. (ESPINOSA, 2003, p. 26-31, grifo nosso).

Observar que Espinosa iguala as expressões "Espírito de Deus" e "Espírito Santo".

André Chouraqui (1917-2007), em *A Bíblia Matyah (O Evangelho Segundo Mateus)*, traduz, nas passagens Mt 1,18.20; 3,11.16; 12,32 e 28,19, os termos *pneuma agion* como "sopro sagrado"; provavelmente, uma ligação direta com o sopro divino que vivificou o modelo de barro, tornando-o um ser vivente. Portanto, é, na verdade, uma ação divina e não algo que nos remete a um dos elementos que supostamente compõem uma Trindade.

James D. Tabor, conforme vimos mais atrás, também dá conta de que em Mt 1,20, quando o anjo fala a José, o correto é "concebeu de um Espírito Santo" e não

"concebeu do Espírito Santo" que consta da maioria das Bíblias.

Transcrevemos, para quem se interessar, um levantamento feito por Carlos T. Pastorino (1910-1980) sobre o uso da expressão *pneuma hágion*:

PNEUMA HAGION

Trata-se de uma observação de linguística: o emprego do adjetivo *hágion*, ao lado do substantivo *pneuma*. Sistemáticamente, o substantivo precede: *pneuma hágion* ("Espírito santo"). No entanto, Lucas, e só Lucas, inverte nove vezes, contra 41 vezes em que segue a construção normal. Qual a razão?

Para controle dos estudiosos, citamos os passos, nos quatro autores dos Evangelhos, dando os diversos textos em que aparece a palavra *pneuma* com suas diversas construções:

1 – *tò pneuma tò hágion* = o Espírito o santo.

Mat. 12:32;

Marc. 3:29; 12:36; 13:11;

Luc. Ev. 3:22; 10:21; At. 1:16; 2:33; 5:3, 32; 7:51; 10:44, 47; 11:15; 13:2; 15:8, 28; 19:6; 20:28; 21:4; 28:25.

Em João aparece uma só vez, e assim mesmo em apenas alguns códices tardios, havendo forte suspeição de haver sido acrescentado posteriormente (em 14:26).

2 – *Pneuma hágion* (indefinido, sem artigo) = um espírito santo:

Mat. 1:18, 20; 3:11;

Marc. 1:8;

Luc. Ev. 1:15, 41, 67; 2:25; 3:16; 4:1; 11:13; At. 1:2, 5; 2:4; 4:8, 25; 7:55; 8:15, 17, 19; 9:17; 10:38; 11:16, 24; 13:9, 52; 19:2 (2 vezes);

João, 20:22.

3 – *tò hágion pneuma* = o santo Espírito (inversão):

Mat. 28:19, num versículo indiscutivelmente apócrifo;

Luc. Ev. 12:10, 12; At. 1:8; 2:38; 4:31; 9:31; 10:45; 13:4; 16:6.

E em todo o resto do Novo Testamento, só aparece essa inversão uma vez mais, em Paulo (1ª Cor. 6:19), onde, assim mesmo, alguns códices trazem a ordem comum.

Para completar o estudo da palavra *pneuma* nos Evangelhos, mesmo sem acompanhamento do adjetivo *hágion*, damos mais os seguintes passos.

4 – *tò pneuma* = o espírito:

Mat. 4:1; 10:20; 12:18, 31;

Marc. 1:10, 12;

Luc. Ev. 2:27; 4:14; At. 2:17, 18; 6:10; 8:18, 29; 10:19; 11:12, 28; 16:7; 20:22; 21:4;

João, 1:32, 33; 3:6, 8, 34; 6:63; 7:39; 14:17; 15:26; 16:13.

5 – *pneuma* (indefinido, sem artigo) = um espírito:

Mat. 3:16; 12:28; 22:43;

Luc. Ev. 1:17; 4:18; At. 6:3; 8:39; 23:89;

João, 3:5, 6; 4:23, 24; 6:63; 7:39.

Resumindo:

Expressão usada	Mat.	Marc.	Luc.		João	totais
	Ev.	Ev.	Ev.	At.	Ev.	
1. <i>tò pneuma tò hágion</i>	1	3	2	15		21
2. <i>pneuma hágion</i>	3	1	7	17	1	29
3. <i>tò hágion pneuma</i>			2	7		9
4. <i>tò pneuma</i>	4	2	2	11	10	29
5. <i>pneuma</i>	3		2	4	6	15
totais	11	6	15	54	17	103

(PASTORINO, 1964, p. 97-98).

Portanto, a questão “O Espírito Santo” é muito mais complexa do que aparenta, deixando-nos em sérias dúvidas quanto a seus exatos termos, bem como, ao próprio significado dessa expressão, por conta das tantas mudanças ocorridas nos textos bíblicos, visando apoiar os dogmas instituídos.

Certamente, que protestarão contra isso que acabamos de colocar, mas, como é um direito que lhes assiste, cabe-nos apenas aceitar eventuais protestos.

O Espiritismo declara: “... Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido...” (O Ev. Segundo e Espiritismo).

Diante de tal declaração, torna-se evidente que o Espiritismo procura basear-se na Bíblia, particularmente nos evangelhos, para confirmar suas doutrinas. Sabemos que não pode haver duas verdades, assim, precisamos examinar a Bíblia e o seu contexto para determinar a verdadeira identidade do “outro Consolador”, pois se o Espiritismo estiver certo em sua reivindicação, então os evangélicos estão enganados quando dizem que o outro Consolador é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo. Vejamos então o que diz a Bíblia.

A bem da verdade o Espiritismo não procura confirmar suas doutrinas na Bíblia, já que seu nascimento se deu em razão de fatos naturais, que acontecem desde os tempos mais remotos da humanidade, que é a comunicação com os chamados mortos. No desenrolar de suas revelações é que houve a necessidade de se demonstrar que os seus princípios estão concordes com o texto bíblico; isso porque, os opositores do Espiritismo tomaram a Bíblia para atacar a Doutrina Espírita, com toda a força que esses antagonistas dispunham. Ora, se esses opositores usam a Bíblia, tentando demonstrar que ela condena a Doutrina Espírita, só resta aos partidários do Espiritismo utilizar a própria Bíblia para justificar que esta não proíbe a Doutrina Espírita. Isso porque, pelo mais primário princípio de lógica, ninguém vai usar o Código Civil para se defender de uma acusação feita com base no Código Penal, por exemplo. Por isso, vale a pena repetir o que já dissemos alhures: “Não faça de sua Bíblia uma arma; a vítima poderá ser você”.

Sim, é perfeitamente lógica a conclusão de que as interpretações emanadas dos dois “lados”, sendo divergentes, não podem ser, ao mesmo tempo, verdadeiras, o que, vai ao encontro do que São Jerônimo disse: “A verdade não pode existir em coisas que divergem” (CHAVES, 2011).

Veremos três razões para provar que o “outro Consolador” não é o Espiritismo propagado pelo Kardecismo, a saber:

Primeira: O Espírito Santo é uma pessoa, por pessoa queremos dizer um ser com atributos e características pessoais. Ele não é uma falange de espíritos. O Espírito Santo é Deus, o Deus verdadeiro. A Bíblia mostra isso claramente. Diante da desonestidade de Ananias, Pedro indaga: “Disse então Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade? (...) Não mentiste aos homens, mas a Deus” (ACF) (Atos 5:3,4). Como parte integrante da Trindade, Ele possui todos os atributos próprios da Divindade: é Onipotente (Jó 26:13; 33:4; Romanos 15:13,19); é Onisciente (I Coríntios 2:10-11); é Onipresente (Salmos 139:7-10); além de tudo isso Ele existe desde a eternidade (Hebreus 9:14; Salmos 90:2).

Recorreremos ao astrônomo francês Camille Flammarion (1842-1925) que nos fornece um elemento bem interessante para ver como é que, geralmente, os crentes tratam a divindade:

[...] Disse-se, com razão, que se Deus fez o homem à sua imagem, o homem por seu lado lhe pagou na mesma moeda.

Se os besouros imaginassem um criador, esse criador seria para eles um grande besouro.

O Deus antropomorfo dos hebreus, dos cristãos, dos muçulmanos, dos budistas, nunca existiu. Deus, Jeová, Júpiter, não são mais que palavras simbólicas. (FLAMMARION, 1989, p. 37-38, grifo nosso).

Então, o que, de fato, aconteceu foi que o homem transformou a divindade numa pessoa com sentimentos, emoções, imperfeições iguais à de qualquer mortal. Esta visão ainda persiste naqueles que não conseguem desvincular o Criador da Sua criação, tratando-O como um indivíduo. Kardec pergunta aos Espíritos superiores "O que é Deus?", obtendo a seguinte resposta: "Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas" (KARDEC, 2006b, p. 71).

Se, como se afirma, Deus é um só, mas "dividido" em três pessoas, as questões que surgem são: Onde está o Espírito Santo, também estaria Jesus e o próprio Deus? Onde está Jesus, também estaria Deus e o Espírito Santo? Levando-se em contra o três-em-um, é certo que sim. Então, como explicar:

Mt 3,16-17: "*Depois de ser batizado, Jesus logo saiu da água. Então o céu se abriu, e **Jesus viu o Espírito de Deus, descendo como pomba e pousando sobre ele.** E do céu veio uma voz, dizendo: 'Este é o meu Filho amado, que muito me agrada'*".

Lc 23,46: "*Então Jesus deu um forte grito: '**Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito**'. Dizendo isso, expirou*".

Se Jesus viu o "Espírito de Deus", então, Ele não pode ser o próprio Deus. Se o "Espírito de Deus" desceu como uma pomba e pousou sobre Ele, então, antes disso ocorrer o Espírito de Deus não O animava. Se Jesus é "meu filho", então, não há como igualá-Lo a seu próprio Genitor, no caso Deus. Se, finalmente, Jesus entrega seu Espírito nas mãos do Pai, então, ele não pode ser o próprio Pai; confusão que somente os que não se deixam levar por interpretações dogmáticas percebem com facilidade.

Também compreendemos Deus existindo de toda a eternidade; porém, quanto às outras duas "pessoas", nada se fala e nem são citadas no Antigo Testamento; trata-se, portanto, de pura invenção dos cristãos. E aqui é bom ressaltar duas coisas bem interessantes:

A primeira diz respeito a algumas passagens do Novo Testamento que dizem ter sido o Antigo revogado (Lc 16,16; Rm 7,6, Gl 5,4, Hb 7,18-19; 8,6-8.13); como exemplo, vejamos o teor destas passagens em Hebreus:

Hb 7,18-19: "*Assim, **fica abolida a lei anterior, por ser fraca e inútil**; de fato, a Lei não levou nada à perfeição. Por outro lado, introduziu-se uma esperança melhor, graças à qual nos aproximamos de Deus*".

Hb 8,6-8.13: "***Jesus, porém, foi encarregado para um serviço sacerdotal superior, pois é mediador de uma aliança melhor, que promete melhores benefícios. De fato, se a primeira aliança não tivesse defeito, nem haveria lugar para segunda aliança.** Mas Deus, queixando-se contra o seu povo, diz: 'Eis que virão dias, fala o Senhor, nos quais concluirei uma aliança nova com a casa de Israel e com a casa de Judá'. **Dizendo 'aliança nova', Deus declara que a primeira ficou antiquada; e aquilo que se torna antigo e envelhece, vai desaparecer logo**'.*

A segunda, é que, geralmente, tomam como base a passagem 2Tm 3,16: "*Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça*", esquecendo-se que o autor dessa carta (hoje os exegetas já não a têm mais como de Paulo) tinha em mãos como "Escritura" a dos hebreus (só parte do AT) e não a Bíblia (AT + NT), que atualmente manuseamos; portanto, o Novo Testamento não pode, por coerência e lógica, ser considerado como palavra de Deus.

Segunda: A promessa do Consolador foi cumprida no primeiro século, em Jerusalém, apenas alguns dias após a Ascensão de Jesus e não no século XIX, na França, como querem os Espíritas. Disse Jesus: "Todavia digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, quando eu for, vo-lo enviarei" (ACF) (João 16:7). Que o lugar não seria na França nos foi assegurado pelo discípulo Lucas: "E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a

promessa do Pai, que (disse ele) de mim ouvistes. Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra” (ACF) (Atos 1:4,8). Apontando para o cumprimento da promessa, relata-nos a Bíblia: “E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. De sorte que, exaltado pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis” (ACF) (Atos 2:4 e 33). O texto é límpido como a mais limpa água cristalina; “a promessa do consolador foi derramado em Jerusalém e deu-se o início da Igreja de Cristo”. Esse fato é, “teologicamente” consumado, o outro Consolador é o Espírito Santo e Ele já foi derramado. E por causa dele milhares de Espíritos têm se arrependido e se convertido ao verdadeiro evangelho, o de Cristo Jesus, Aleluia!!!

Podemos até aceitar como hipótese que o outro Consolador não tenha vindo no Século XIX; porém, demonstraremos que no século I, não foi, tomando como base os próprios textos bíblicos, aos quais tanto se agarram. É preciso voltar um pouco nos textos do Evangelho de João para ver a promessa de Jesus em enviar o Consolador.

Jo 14,15-18.26: *“Se me amais, guardarei os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós. **Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito**”.*

Será que “alguns dias após a Ascensão de Jesus”, cerca de uns 52 dias depois, os discípulos já teriam esquecido tudo quanto Jesus os ensinara que seria preciso enviar o outro Consolador para lembrar-lhes? Teriam eles passado por algum tipo de amnésia coletiva?

O articulista cita o fenômeno do Pentecostes como sendo o cumprimento do envio do Consolador. Aqui tomaremos por empréstimo de um argumento muito utilizado no meio evangélico de que “a própria Bíblia se explica”. Vejamos como Pedro esclarece o episódio no qual todos ficaram “cheios do Espírito Santo” (At 2,4), diante do fato de que algumas pessoas os tomavam por “embriagados com vinho doce” (At 2,12):

At 2,15-19: *“Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia. **Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos terão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e servas naqueles dias, e profetizarão; e farei aparecer prodígios em cima, no céu; e sinais em baixo na terra, sangue, fogo e vapor de fumo**”.*

Tomando das próprias palavras do contraditor, diremos que “O texto é límpido como a mais limpa água cristalina”, que o referido acontecimento de Pentecostes é, conforme a própria Bíblia, um cumprimento da profecia de Joel (3,1-5) e não o da profecia de Jesus a respeito do envio de Outro Consolador. É o que sempre dizemos: alguns só enxergam na Bíblia aquilo que acham justificar suas crenças.

Muito interessante o que encontramos em nota de rodapé como explicação de At 2,1-13, trecho onde se narra o Pentecostes: **“O relato é simbólico**. De fato, quando o autor escreveu, as comunidades cristãs já se haviam espalhado por todas as regiões aqui mencionadas. [...]” (Bíblia Sagrada Pastoral, p. 1391, grifo nosso). Ora, se é relato simbólico então o evento jamais aconteceu; então não há como tomá-lo para explicar que o outro Consolador teria vindo nesse episódio, acontecido no Século I.

Mais coisas poderíamos falar, mas indicaremos o nosso texto “O Consolador veio no Pentecostes?”, disponível em nosso site. ([clique aqui](#)), do qual transcreveremos apenas este trecho:

[...] Fato idêntico se repetirá novamente nos episódios conhecidos como o

"Pentecostes samaritano" (At 8,14-17) e o "Pentecostes dos pagãos" (At 10,44-46) (CHAMPLIN, 2005, vol. 3, p. 45). Vejamo-los:

At 8,14-17: "Os apóstolos, que estavam em Jerusalém, souberam que a Samaria acolhera a Palavra de Deus, e enviaram para lá Pedro e João. Ao chegarem, Pedro e João rezaram pelos samaritanos, a fim de que eles recebessem o Espírito Santo. De fato, o Espírito ainda não viera sobre nenhum deles; e os samaritanos tinham apenas recebido o batismo em nome do Senhor Jesus. Então Pedro e João impuseram as mãos sobre os samaritanos, e **eles receberam o Espírito Santo**".

At 10,44-46: "Pedro ainda estava falando, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra. Os fiéis de origem judaica, que tinham ido com Pedro, ficaram admirados de que o **dom do Espírito Santo também fosse derramado sobre os pagãos**. De fato, **eles os ouviam falar em línguas estranhas e louvar a grandeza de Deus**. [...]".

Por isso, então, poder-se-á concluir, numa boa lógica, que, a supor seja o Espírito Santo o Consolador, ele veio por três vezes; a primeira aos discípulos (At 2,1-4), aos quais a promessa foi feita, e duas agora, nessas passagens, de uma forma generalizada. Assim, em qual delas deve-se ter como sendo o cumprimento da promessa de sua volta? Fica aí a nossa dúvida, porque a que se considera a primeira (At 2,1-4), os próprios textos bíblicos a relacionam a uma profecia de Joel, conforme se verá. [no caso, já visto].

A verdade se sobressai dos textos bíblicos, que não deveriam ser interpretados às conveniências dogmáticas, para não se correr o risco de ser contradito de forma inapelável.

Terceira: Em suas publicações, Kardec contradiz as escrituras em vários pontos, fazendo-se um anticristo, por não conhecer a Palavra de Deus que afirma: **"Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um"**. (ACF) (I João 5:7). "Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo" (ACF) (II João 1:7). A Palavra é uma com o Espírito Santo, se as doutrinas Espíritas fossem inspiradas por Deus estariam de acordo com os ensinamentos da Bíblia, mas o que acontece é o contrário, por isso dizemos que Kardec é um anticristo, aliás Kardec não crê que Jesus veio em carne. De acordo com as doutrinas Kardecistas, os milagres registrados na Bíblia são apenas fenômenos psíquicos; sobre a inspiração Divina da Bíblia, Kardec afirma que está cheia de erros; sobre a Trindade, diz que não pluralidade na divindade; Sobre a existências de anjos, diabo e demônios, afirma serem espíritos desencarnados; sobre a Divindade de Jesus, diz que Jesus foi apenas um médio e uma criatura de Deus como todos os outros; sobre o Espírito Santo, declara que "é uma falange de espíritos"; Sobre a existência da vida humana, Kardec diz que existem mundos que são habitados; a respeito do céu e inferno, declara que não castigo eterno, e a contemplação de Deus é vista como inútil e estática; a ressurreição corporal tanto de Jesus como de todos, Kardec afirma que o espírito não retornará ao mesmo corpo, mas reencarnará em muitos corpos; sobre a obra de Cristo na cruz, Kardec a desconsidera e diz que o homem deverá conseguir a sua redenção através de sucessivas reencarnações aperfeiçoando a si mesmo.

Não identificamos nos outros senão aquilo que somos no íntimo; portanto, dizer que Kardec é anticristo, só serve para qualificar nosso opositor como tal. Aliás, esse espúrio expediente não é nem mesmo original, pois, em relação ao Judaísmo, atribuíram tal qualificativo ao próprio Cristo, a quem, incondicionalmente, seguimos, da forma que julgamos melhor e não pela cabeça de líderes religiosos que, a exemplo dos do tempo de Jesus, o acusaram de compactuar com Belzebu, príncipe dos demônios (Mt 12,24).

Vejamos o passo 1Jo 5,7-8, em três versões bíblicas:

Bíblia Sagrada – SBB: "Porque três são os que testificam no céu: **o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo**; e estes três são um. E três são os que testificam na terra: o Espírito, e a água e o sangue; e estes três concordam num".

Bíblia Sagrada – SBB – NTLH: “*Há três testemunhas: o Espírito, a água e o sangue; e esses três estão de pleno acordo*”.

Bíblia de Jerusalém: “*Porque três são os que testemunham: o Espírito, a água e o sangue, e os três tendem ao mesmo fim*”.

É fácil observar que a versão citada pelo contraditor é a primeira que contém aquilo que lhe interessa para justificar a Trindade, ou seja, a menção de “o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo”, que não consta nas outras versões; inclusive a segunda é da mesma editora da primeira, que já não tem mais este trecho como autêntico.

É bem provável que nosso opositor não conheça o que os exegetas e estudiosos, não encabrestados pelos dogmas, dizem sobre o passo 1Jo 5,7-8, que é bem oportuno transcrever de nosso texto “Trindade: um mistério criado por um leigo, anuído pelos teólogos”, já mencionado anteriormente:

Alguns defensores da Trindade ainda citam uma outra passagem, que se encontra na primeira carta de João:

1Jo 5,7-8: “*Porque três são os que dão testemunho: o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concordam*”.

Esse passo é problemático porque há uma outra versão para ele. Os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, explicam-nos:

O texto dos vv. 7-8 é acrescido na Vulg. De um inciso (aqui abaixo entre parênteses) **ausente dos antigos mss gregos, das antigas versões e dos melhores mss da Vulg.**, o qual parece ser uma **glosa marginal introduzida posteriormente** no texto: “Porque há três que testemunham (no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e esses três são um só; e há três que testemunham na terra); o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um só” (*Bíblia de Jerusalém*, p. 2132-2133, grifo nosso).

Corroboramos isso com o jornalista Paul Johnson (1928-), católico conservador, um destacado crítico da modernidade, que em sua obra *História do Cristianismo*, assim argumenta:

[...] **Erasmus**, como erudito e crítico de textos, havia aprendido a suspeitar da teologia, cujas conclusões dogmáticas não raro baseavam-se, como ele descobrira, em leituras imperfeitas do texto. (Essa desconfiança era recíproca e violenta por parte dos teólogos, que se opunham de forma obstinada ao direito dos eruditos de se pronunciarem sobre problemas “teológicos” e se agarravam furiosamente a seus textos antigos, por mais corrompidos que fossem). **Em suas próprias investigações, ele se vira obrigado a eliminar o célebre versículo trinitário de 1 João 5,7 (*), já que não se encontrava no manuscrito grego.** [...].

(*) “7 Porque três são os que testemunham: / 8 o Espírito, a água e o sangue, / e os três tendem ao mesmo fim”. (N.T.)

(JOHNSON, 2001, p. 330, grifo nosso)

Um outro estudioso que também fala disso é Bart D. Ehrman, que afirma:

Havia, contudo, uma passagem-chave das Escrituras que os manuscritos-fonte de Erasmo não continham: trata-se do relato de **1 João 5,7-8**, que os pesquisadores chamaram de o parêntese joanino, encontrado nos manuscritos da Vulgata latina, mas não na vasta maioria dos manuscritos gregos, uma passagem que **foi, por muito tempo, a predileta entre os teólogos cristãos, dado que é a única passagem na Bíblia inteira que delineia explicitamente a doutrina da Trindade, segundo a qual há três pessoas na divindade, com todas as três constituindo um só Deus.** Na Vulgata, a passagem é lida assim:

Há três que conduzem o testemunho nos céus: o Pai, o Verbo e o Espírito

e esses três são um; e há três que conduzem o testemunho na terra, o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um.

Trata-se de uma passagem misteriosa, mas inequívoca em seu apoio aos ensinamentos tradicionais da igreja sobre o “Deus trino que é um”. Sem esse versículo, a doutrina da Trindade deve ser inferida de uma série de passagens combinadas para mostrar que Cristo é Deus, assim como o Espírito e o Pai, e que há, não obstante, um só Deus. Essa passagem, por seu turno, afirma a doutrina direta e sucintamente.

Mas Erasmo não a achou em seus manuscritos gregos, nos quais simplesmente se lê: “Pois há três que dão testemunho: o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um”. Para onde foram “o Pai, o Verbo e o Espírito”? Eles não figuravam no manuscrito primário de Erasmo, nem em nenhum dos demais que ele consultou. Por isso, naturalmente, ele os deixou de fora de sua primeira edição do texto grego.

Foi isso, mais do que qualquer outra coisa, que tirou do sério os teólogos de seu tempo, que **acusaram Erasmo de adulterar o texto, numa tentativa de eliminar a doutrina da Trindade e de desvalorizar o seu corolário, a doutrina da divindade plena de Cristo.** Particularmente Stunica, um dos editores-chefes da Poliglota Complutense, veio a público desacreditar Erasmo e insistir em que, em edições futuras, ele restituísse o versículo a seu lugar correto.

Com o desenrolar dos fatos, Erasmo – provavelmente em um momento de descuido – concordou em inserir o versículo em uma futura edição de seu Novo Testamento grego, sob uma condição: que seus adversários produzissem um manuscrito *grego* no qual o verso pudesse ser encontrado (achá-lo nos manuscritos latinos não era o bastante). Dessa forma, produziu-se um manuscrito grego. Na realidade, ele foi produzido nessa ocasião. Parece que alguém copiou o texto grego das epístolas e, quando chegou à passagem em questão, traduziu o texto latino para **o grego, dando o parêntese joanino em sua forma teologicamente aproveitável, familiar. O manuscrito providenciado para Erasmo era, em outras palavras, uma produção do século XVI, feita sob encomenda.**

Não obstante suas apreensões, Erasmo manteve a palavra e incluiu o parêntese joanino na próxima e em todas as edições de seu Novo Testamento grego a partir de então. Tais edições, como já ressaltai, tornaram-se a base para as edições do Novo Testamento grego que eram, à época, reproduzidas de tempos em tempos segundo as preferências de Stephanus, Beza e dos Elzevirs. Essas edições estabeleceram a forma do texto que os tradutores da Bíblia King James por fim usaram. **E passagens tão familiares aos leitores da Bíblia – da King James, de 1622 em diante, até as modernas edições do século XX – incluem a mulher flagrada em adultério, os últimos doze versículos de Marcos e o parêntese joanino, mesmo que nenhuma delas possa ser encontrada nos manuscritos superiores e mais antigos do Novo Testamento grego.** Elas entraram na corrente de consciência dos leitores da Bíblia por mero acaso da história, por causa dos manuscritos a que Erasmo por acaso teve acesso e em um que foi feito sob encomenda para ele.

As várias edições gregas dos séculos XVI e XVII eram tão semelhantes que, por fim, os impressores começaram a afirmar que elas eram o texto universalmente aceito por todos os pesquisadores e leitores do Novo Testamento grego – e realmente eram, dado que não havia discordância! A mais citada constatação encontra-se em uma edição produzida em 1633 por Abraão e Boaventura Elzevir (que eram tio e sobrinho), na qual eles dizem a seus leitores, em termos que desde então se tornaram célebres entre pesquisadores, que “você agora têm o texto que é aceito por todos, no qual nada alteramos nem corrompemos”. O fraseado desta afirmação, especialmente as palavras “texto que é aceito por todos”, gerou a expressão comum *Textus Receptus* (abreviadamente TR), usada pela crítica textual para se referir à forma do texto grego baseada, não nos manuscritos mais antigos e melhores, mas na forma do texto originalmente publicado por Erasmo e difundido pelos impressores durante mais de trezentos anos, enquanto os pesquisadores do texto bíblico não comessem a insistir em que o Novo Testamento grego devia ser estabelecido a partir de princípios científicos baseados em nossos mais antigos e melhores manuscritos, não simplesmente reimpresso segundo o costume. Foi a forma textual inferior do *Textus Receptus* que se tornou a base das traduções inglesas mais antigas, incluindo a Bíblia King James e outras edições até quase o final do

século XIX. (EHRMAN, 2006, p. 91-93, grifo nosso).

Vemos, portanto, confirmado que a passagem 1Jo 5,7-8 aparece em algumas traduções da Bíblia com a versão criada para justificar a Trindade, o que ainda podemos corroborar com Champlin, que disse: "A adição 'trinitária' não tem qualquer autoridade, conforme concordam todos os críticos textuais" (CHAMPLIN, 2005b, p. 293). E, um pouco mais à frente, ele afirma:

É verdade, naturalmente, que o termo "trindade" não se acha no N.T., e nem em qualquer documento há qualquer definição clara de "trindade". **Rejeitamos enfaticamente a genuinidade do trecho de I João 5:7a, 8b**, conforme o mostram as notas expositivas acima, **em favor de cuja rejeição há evidências irresistíveis**. [...]. (CHAMPLIN, 2005b, p. 294, grifo nosso).

Os que estão presos aos dogmas de sua igreja, jamais terão coragem de fazer pesquisas em busca da verdade; apenas aceitam, ingenuamente, aquela que os seus preceptores lhes passam. Aliás, é muito oportuna esta lúcida recomendação do escritor Tom Harpur (1929-), ex-colunista do jornal *Toronto Star*, formado pela Universidade de Rhodes, ex-pastor anglicano e professor de Grego e Novo Testamento: "[...] Todos nós precisamos examinar nossas crenças e práticas religiosas de tempos em tempos, para ver até que ponto são governadas, não pela inteligência e liberdade espiritual, mas por hábitos de infância e tabus aprendidos na adolescência. [...]" (HARPUR, 2010, p. 36).

Em relação ao passo "Porque **já** muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo" (ACF) (II João 1:7), embora se refira ao passado, vale para os dias atuais, quando vemos líderes que pouco se preocupam com a salvação de seus fiéis, uma vez que o que lhes interessam de verdade é mantê-los sob rédeas curtas, maneira fácil que encontraram para lhes extorquirem o dízimo, que, biblicamente, só se refere aos produtos agropecuários e não a valores pecuniários provenientes de renda, salário, aposentadoria, etc. Mais sobre esse assunto em nosso texto "Dízimo, deve-se ou não pagar?", disponível em nosso site ([clique aqui](#)).

Esta fala "se as doutrinas Espíritas fossem inspiradas por Deus estariam de acordo com os ensinamentos da Bíblia" é até curiosa; primeiro, porque estaríamos em grande dificuldade para saber qual das Bíblias representa, realmente, a palavra de Deus – a hebraica, a católica ou a protestante? Aliás, se ela fosse tão assim a palavra de Deus, como apregoam, todas as interpretações de seus textos seriam uniformes, e não, como atualmente se vê, com cada corrente religiosa tendo a sua "tradução particular, diretamente dos originais.

Na fala dos detratores surgem certos detalhes que provam que jamais tiveram o cuidado de estudar a Doutrina Espírita, pois, se o tivessem feito não diriam tantos disparates. No presente caso, temos a afirmação de que "Kardec não crê que Jesus veio em carne". Entretanto, em *A Gênese*, tecendo considerações sobre o desaparecimento do corpo de Jesus, Kardec, conclui taxativo: "Jesus, pois, teve, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência". (KARDEC, 2007e, p. 404). De duas uma: ou o contraditor critica o que não conhece, ou age de má-fé.

Se tomássemos uma máquina do tempo e nela colocássemos um médico com um desfibrilador a tiracolo conduzindo-o a uns 2000 anos atrás e esse médico, usando seu equipamento, fizesse voltar à vida alguém que tivesse sofrido um ataque cardíaco, na certa seria tomado como um ser divino. Não temos dúvida de que tal procedimento, bem corriqueiro atualmente, seria levado à conta de um grande milagre. No fundo, milagre é o que a ignorância humana não consegue ver as leis que regulam certos fenômenos, insólitos é verdade, mas que acontecem desde as épocas remotas da humanidade.

Uma questão bem colocada por Kardec, que vale a pena reproduzir aqui, é se "Faz Deus milagres?":

15. – Quanto aos milagres propriamente ditos, Deus, visto que nada lhe é impossível, pode fazê-los. Mas, fá-los? Ou, por outras palavras; derroga as leis que dele próprio emanaram? Não cabe ao homem prejulgar os atos da Divindade, nem os subordinar à fraqueza do seu entendimento. Contudo, em

face das coisas divinas, temos, para critério do nosso juízo, os atributos mesmos de Deus. Ao poder soberano reúne ele a soberana sabedoria, donde se deve concluir que não faz coisa alguma inútil.

Por que, então, faria milagres? Para atestar o seu poder, dizem. Mas, o poder de Deus não se manifesta de maneira muito mais imponente pelo grandioso conjunto das obras da criação, pela sábia previdência que essa criação revela, assim nas partes mais gigantescas, como nas mais mínimas, e pela harmonia das leis que regem o mecanismo do Universo, do que por algumas pequeninas e pueris derrogações que todos os prestímanos sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar a sua habilidade, desmantelasse um relógio construído pelas suas mãos, obra-prima de ciência, a fim de mostrar que pode desmanchar o que fizera? Seu saber, ao contrário, não ressalta muito mais da regularidade e da precisão do movimento da sua obra?

Não é, pois, da alçada do Espiritismo a questão dos milagres; mas, ponderando que Deus não faz coisas inúteis, ele emite a seguinte opinião: **Não sendo necessários os milagres para a glorificação de Deus, nada no Universo se produz fora do âmbito das leis gerais. Deus não faz milagres, porque, sendo, como são, perfeitas as suas leis, não lhe é necessário derogá-las.** Se há fatos que não compreendemos, é que ainda nos faltam os conhecimentos necessários.

16. – Admitido que Deus houvesse alguma vez, por motivos que nos escapam, **derrogado acidentalmente leis por ele estabelecidas, tais leis já não seriam imutáveis.** Mesmo, porém, que semelhante derrogação seja possível, ter-se-á, pelo menos, de reconhecer que só ele, Deus, dispõe desse poder; sem se negar ao Espírito do mal a onipotência, não se pode admitir lhe seja dado desfazer a obra divina, operando, de seu lado, prodígios capazes de seduzir até os eleitos, pois que isso implicaria a ideia de um poder igual ao de Deus. É, no entanto, o que ensinam. **Se Satanás tem o poder de sustar o curso das leis naturais, que são obra de Deus, sem a permissão deste, mais poderoso é ele do que a Divindade.** Logo, Deus não possui a onipotência e se, como pretendem, delega poderes a Satanás, para mais facilmente induzir os homens ao mal, falta-lhe a soberana bondade. Em ambos os casos, há negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.

Daí vem a Igreja distinguir os bons milagres, que procedem de Deus, dos maus milagres, que procedem de Satanás. Mas, como diferenciá-los? Seja satânico ou divino um milagre, haverá sempre uma derrogação de leis emanadas unicamente de Deus. Se um indivíduo é curado por suposto milagre, quer seja Deus quem o opere, quer Satanás, não deixará por isso de ter havido a cura. Forçoso se torna fazer pobríssima ideia da inteligência humana para se pretender que semelhantes doutrinas possam ser aceitas nos dias de hoje.

Reconhecida a possibilidade de alguns fatos considerados miraculosos, há-se de concluir que, seja qual for a origem que se lhes atribua, eles são efeitos naturais de que se podem utilizar Espíritos desencarnados ou encarnados, como de tudo, como da própria inteligência e dos conhecimentos científicos de que disponham, para o bem ou para o mal, conforme neles preponderem a bondade ou a perversidade. Valendo-se do saber que haja adquirido, pode um ser perverso fazer coisas que passem por prodígios aos olhos dos ignorantes; mas, quando tais efeitos dão em resultado um bem qualquer, fora ilógico atribuir-se-lhes uma origem diabólica.

17. – Mas, a religião, dizem, se apoia em fatos que nem explicados, nem explicáveis são. Inexplicados, talvez; inexplicáveis, é questão muito outra. Que sabe o homem das descobertas e dos conhecimentos que o futuro lhe reserva? Sem falar do milagre da criação, o maior de todos sem contestação possível, já pertencente ao domínio da lei universal, não vemos reproduzirem-se hoje, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, os êxtases, as visões, as aparições, as percepções a distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos esses conhecidos desde tempos imemoráveis, tidos outrora por maravilhosos e que presentemente se demonstra pertencerem à ordem das coisas naturais, de acordo com a lei constitutiva dos seres? **Os livros sagrados estão cheios de fatos desse gênero, qualificados de sobrenaturais; como, porém, outros análogos e ainda mais maravilhosos se encontram em todas as religiões pagãs da antiguidade, se a veracidade de uma religião dependesse do número e da natureza de tais fatos, não se saberia dizer qual a que**

devesse prevalecer. (KARDEC, 2007e, p. 306-308, grifo nosso).

Sabemos que tudo isso chocará aqueles que preferem um Deus milagreiro, pois é com essa visão que conseguem enganar seus fiéis, prometendo-lhes milagres a torto e a direito.

Se há uma coisa que irrita um crente evangélico é dizer-lhe que a Bíblia “está cheia de erros”, porquanto, cegado pelo fanatismo, nunca consegue enxergá-los. Veja-se a Terra como o centro do Universo, Adão e Eva como o primeiro casal, um dilúvio que faz a água subir quase 9.000 metros acima do nível do mar, apesar deste conter 97,5% da água existente no planeta, além de um homem ter conseguido parar o Sol, o vento ser guardado em reservatórios, etc.

Espinosa tanto percebeu as contradições que disse:

Os comentadores, porém, na tentativa de conciliar essas contradições manifestas, inventa cada um aquilo que pode e o engenho lhe deixa, e, enquanto estão assim adorando as letras e as palavras da Escritura, mais não fazem, como já dissemos, que expor os autores da Bíblia ao ridículo, a ponto de parecer até que eles não sabiam falar nem expor com nexos aquilo que tinham para dizer. (ESPINOSA, 2003, p. 181).

Quem tiver paciência procure por “contradições bíblicas” na Internet que, certamente, ficará surpreso com a quantidade delas. Apontamos algumas em nosso texto “Inspiração dos textos sagrados”, disponível em nosso site. ([clique aqui](#)).

Quanto ao tema Trindade, novamente recomendamos o nosso texto, produto de extensa pesquisa, cujo link já foi mencionado acima.

Estranho um evangélico defender a existência de anjos, porquanto, onde frequenta só pregam a dos demônios. Aliás, ao que parece, do que se prega no meio evangélico, Deus abriu “a porta do inferno” deixando os demônios virem recrutar as almas ao seu domínio e, para que agissem mais livremente, fechou “a porta do Céu”, não permitindo aos anjos interferirem a nosso favor.

Que os demônios são espíritos maus, não há dúvida:

O famoso escritor evangélico C. S. Lewis apareceu a J. B. Philips, tradutor de bem conhecida tradução do Novo Testamento para o inglês, por duas vezes, após a sua morte, e se assentou naturalmente em sua sala de estar, tendo conversado com ele como se nada tivesse acontecido que pudesse ser classificado como falecimento. Porém, por toda a parte abundam histórias de *fantasmas*, e muitos céticos negam tudo. Todavia, há muitos desses fenômenos, sob tão grande variedade, e cruzam todas as fronteiras religiosas, para que se possa duvidar dos mesmos como fatos. Algumas vezes os mortos voltam, e entram em comunicação com os vivos. **Os teólogos judeus aceitavam isso como um fato, havendo entre eles a crença comum de que os “demônios” são espíritos humanos maus, desencarnados.**

Essa ideia era forte na igreja cristã, até o século V d.C., tendo sido apresentada por pais da igreja como **Clemente de Alexandria, Justino Mártir e Orígenes, os quais também acreditavam na possibilidade do retorno e até mesmo da reencarnação de alguns espíritos**, com o propósito de realizarem ou continuarem suas missões. (ver esta doutrina em Mat. 16:14). **Os essênios, dos quais João Batista parece ter sido membro, também mantinham crenças idênticas.** É um equívoco cercarmos as doutrinas de muralhas, supondo em vão que somente nós, da moderna igreja cristã do século XX, temos as corretas interpretações das verdades bíblicas. Ainda temos muito a aprender, sobre muitas questões, e convém que guardemos nossas mentes abertas, pelo menos o suficiente para permitirmos a entrada de uma réstia de luz. Sabemos pouquíssimo sobre o mundo *intermediário* dos espíritos e supomos que o estado “eterno” já existe, o que todas as evidências mostram não ser ainda assim. (CHAMPLIN, 2005, p. 250, grifo nosso).

[...] **O judaísmo helenista, bem como o cristianismo antigo (até ao tempo de Crisóstomo, falecido em 407 D.C.), pensavam que a maioria dos demônios (se não mesmo todos) era composta de espíritos humanos desencarnados**, de natureza negativa; e essa ideia continua comum na teologia cristã, apesar de hoje em dia ela não seja definida pela maioria dos

teólogos. Crisóstomo preferia considerá-los todos "anjos decaídos", e é bem provável que *alguns* demônios sejam precisamente isso. [...]. (CHAMPLIN, 1981(?), p. 100, grifo nosso).

Sendo os textos tão claros, não os comentaremos; apenas ressaltaremos deles essa frase que não foi propositalmente grifada: "É um equívoco cercarmos as doutrinas de muralhas, supondo em vão que somente nós, da moderna igreja cristã do século XX, temos as corretas interpretações das verdades bíblicas". (CHAMPLIN, 2005, p. 250).

A questão da divindade de Jesus também é desenvolvida no texto sobre a Trindade; porém, duas coisas citaremos aqui:

Nos Evangelhos, lemos:

"Respondeu-lhe Jesus: *Por que me chamas bom? Ninguém é bom, **senão um que é Deus***" (Mc 10,28; Lc 18,19).

"[...] *porque o meu **Pai é maior do que eu***". (Jo 14,28).

"[...] *vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para **meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus***". (Jo 20,17).

Estes três passos são suficientes para provar que Jesus jamais se considerou Deus, isso é invenção dos homens, engendrada a partir do Concílio de Niceia. No último deles, Jesus se coloca no mesmo nível que nós, seres humanos; portanto, é Ele quem diz ser uma Criatura de Deus como todos nós.

Sobre a divindade de Jesus recomendamos nosso texto "Jesus pode ser considerado Deus?", disponível em nosso site. ([clique aqui](#)).

Quanto ao fato de Jesus ser "**médio**" (sic) não há lugar algum na Codificação que se tenha dito isso; o que sabemos ter sido falado é o que transcrevemos:

Agiria como *médium* nas curas que operava? Poder-se-á considerá-lo poderoso médium curador? Não, porquanto o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados e **o Cristo não precisava de assistência, pois que era ele quem assistia os outros**. Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como o podem fazer, em certos casos, os encarnados, na medida de suas forças. Que Espírito, ao demais, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se algum influxo estranho recebia, esse só de Deus lhe poderia vir. **Segundo definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus**. (KARDEC, 2007e, p. 355, grifo nosso).

Observa-se que a designação de Jesus ser "médium de Deus" não é de Kardec, mas uma definição de um Espírito, e como tal é uma opinião particular, conforme ele disse: "Nós os dissemos cem vezes, para nós a opinião de um Espírito, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual; [...]" (KARDEC, 1993i, p. 191).

Quanto à afirmação "sobre o Espírito Santo, declara que 'é uma falange de espíritos'", não encontramos isso em nenhum lugar nas obras de Kardec, mesmo usando o recurso "Pesquisar" do programa visualizador de PDF, Adobe Reader; como não foram fornecidos os dados da fonte, como seria de se esperar, nada podemos dizer.

Jesus, num dado momento, disse "*Há várias moradas na casa de meu pai*" (Jo 14,2), o que interpretamos, já que nos assiste esse direito, como a existência de vida em outros planetas, os quais, via progresso espiritual, poderemos habitar algum dia da eternidade.

Em relação ao fato de Kardec declarar que não há castigo eterno, podemos, para justificá-lo, usar da Bíblia, com a qual nos atacam: "*Misericordioso e piedoso é o Senhor; longânimo e grande em benignidade. **Não reprovárá perpetuamente, nem para sempre reterá a sua ira***". (Sl 103,8-9). Na versão da *Bíblia Shedd*, se lê: "não **repreende** perpetuamente", o que, certamente, é contra qualquer ideia tacaña de "castigo eterno" atribuída a Deus.

A visão do descanso no paraíso é a contrapartida que o homem estabeleceu para o

castigo de Adão em ter que trabalhar para sobreviver, ou seja, na Terra trabalhamos, no céu descansamos. A imaginação humana é mesmo muito fértil...

Para ficarem livres de terem que provar que há ressurreição corporal estabelecem que ela se dará no fim dos tempos; fácil não?... As leis naturais fornecem elementos de convicção de que um corpo, morto, jamais tornará a viver; pior, ainda, quando já se decompôs nos elementos químicos básicos, que foram incorporados pela natureza e nela disseminados.

Poder-se-á protestar que a Ciência também não aceita a reencarnação; diremos: "ainda não aceita"; mas, com as pesquisas atuais, em que fortes evidências vão se avolumando, é certo que, mais dia, menos dia, forçosamente, a aceitará como uma das leis da natureza; o que não deve demorar muito a acontecer.

Infelizmente, algumas pessoas, em vez de se preocuparem em seguir os ensinamentos de Jesus, para atender Sua orientação "*Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus*" (Mt 5,48), optaram em perpetuar o pensamento dos judeus, para os quais a simples oferta de um bode (ou um cordeiro) expiatório seria o suficiente para que seus pecados fossem remidos. Como não há possibilidade de sermos perfeitos numa só encarnação, a misericórdia de Deus nos abre outras, visando o nosso próprio benefício.

Não há aqui espaço suficiente para analisarmos todos os aspectos, mas a maior parte das negações das doutrinas bíblicas diz respeito a Jesus: Sua pessoa e sua obra. Esperamos, sinceramente, que o verdadeiro Consolador convença os Kardecistas de que o testemunho do apóstolo João é verdadeiro, quando disse: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (ACF) (João 1:1). "Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna" (ACF) (I João 5:20). "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou" (ACF) (João 1:18). Este mesmo Deus, vendo o homem no lamaçal do pecado, condenado à punição eterna, amou de tal maneira que veio à terra expiar os nossos pecados, uma vez que isso seria impossível ao próprio homem. Disse o outro Consolador por meio de Paulo: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie" (ACF) (Efésios 2:8-9). A Bíblia é totalmente contrária a reencarnação e vidas sucessivas (Hb.9:27). O Deus da Bíblia apresenta algo melhor do que a reencarnação: Jesus (que morreu em nosso lugar, dando-nos uma viva esperança: a de vivermos eternamente com Deus no céu, sem pecado, sem dor, sem morte...). Discordamos veementemente, da doutrina Espírita, com todo o seu dorso de pseudos ensinamentos, que se declara a melhor religião e a última revelação de Deus, como sendo algo da parte de Cristo. O povo de Deus sabe que: "SEM JESUS E A SUA PALAVRA NÃO HÁ SALVAÇÃO". Podemos ver com os exemplos citados que a "terceira Revelação", "o Outro Consolador", não passam de uma grande fraude, de um enorme engodo, pois todas essas doutrinas Espíritas são facilmente desmanteladas pela verdade de Deus – A Bíblia Sagrada.

Centro Apologético Cristão de Pesquisas CACP
<http://www.cacp.org.br/o-outro-consolador/>

Todas as "verdades" bíblicas com as quais não concordamos, por falta de amparo da própria Bíblia, do contexto histórico ou das pesquisas arqueológicas, são aquilo que o autor denomina de "doutrinas bíblicas", quando, a bem da verdade, se tratam apenas do modo particular de interpretá-las, dele ou da instituição religiosa da qual faz parte; nunca representam, de fato, o pensamento de Jesus.

O que sempre estamos vendo é que a grande maioria dos detratores se julga como os únicos seres, na face da Terra, capazes de interpretar os textos bíblicos, pois consideram-se como uns "iluminados". Pobres coitados!

Fizemos uma pesquisa sobre o início do Evangelho de João e qual não foi a nossa surpresa com o seu resultado:

Se parece forçado que Jesus tenha viajado para a Índia e estudado os Vedas, e que os clérigos do Vaticano tenham escondido os relatos budistas da viagem, lembre-se da Ecole Biblique fundada pelo Vaticano e do controle da Ecole sobre os Manuscritos do Mar Morto. Considere que Tomé, o seguidor de Cristo, viajou

para a Índia, onde construiu uma missão, e que cristãos fiéis a usam para veneração até os nossos dias. **Considere este verso de abertura do Evangelho de João: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus".**

E este verso do mais antigo Rig Veda da Índia: "No princípio era Brahman, com quem estava o Verbo, e o Verbo é Brahman" (traduzindo-se a palavra "Vak" do sânscrito como "Verbo"). (LEWIS, 2008, p. 45, grifo nosso).

O Evangelho de João é considerado por alguns estudiosos como um Evangelho gnóstico porque ele tem muitas semelhanças com os chamados Evangelhos *gnósticos* encontrados em Nag Hammadi em 1945, particularmente com o Evangelho de Tomé (ver BOBERG 2011) e ele tem também muitos paralelos com as Escrituras védicas gnósticas da Índia. **No Rig Veda, por exemplo, encontramos praticamente o mesmo versículo gnóstico joanino, há pouco citado: "No princípio era Brahman [= o Deus impessoal do hinduísmo], com quem estava o Verbo [= Krishna]; e o Verbo era verdadeiramente o supremo Brahman"** (apud HARPUR, 2009, p. 207). (SOUZA, 2011, p. 175, grifo nosso).

A introdução do Evangelho segundo João – "no princípio era o Verbo [Logos]..." – pode ser considerada uma citação de textos budistas: "Na base [de todas as coisas] está o Dharma". A ideia budista dos três corpos (trikaya) também revela muitas analogias com a trindade da teologia cristã. [...] (KERSTEN e GRUBER, 1996[?], p. 330, grifo nosso).

Essas três citações foram transcritas de nosso texto "'E o Verbo se fez carne' faz de Jesus o próprio Deus?", disponível em nosso site. ([clique aqui](#)), que recomendamos. pelo motivo de nele a pesquisa ser mais extensa.

Curioso é o fato que, para muitos tradutores bíblicos, o sangue de Jesus foi para selar a nova aliança e não para remissão dos pecados da humanidade, conforme se vê de seus comentários desse versículo de Mateus: "**Pois isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados**". (Mt 26,28):

Como outrora no Sinai, o sangue das vítimas selou a aliança com Iahweh com o seu povo (Ex 24,4-8+; cf. Gn 15,1+), assim, sobre a cruz, **o sangue da vítima perfeita, Jesus, selaria a "nova" aliança entre Deus e os homens** (cf. Lc 22,20), a qual os profetas tinham anunciado (Jr 31,31+). Jesus atribui a si a missão de redenção universal que Isaías atribuído ao "Servo de Iahweh" (Is 42,6; 49,6; 53,12, cf. 42,1+; cf. Hb 8,8; 9,14; 12,24). A ideia de nova aliança está presente também em Paulo, não só em 1Cor 11,25, mas em diversos outros contextos que mostram sua grande importância (2Cor 3,4-6; Gl 3,15-20; 4,24). (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1752, referindo a Mt 26,grifo nosso).

A antiga Aliança ou pacto entre Javé e o seu povo tivera como sinal de contrato uma cerimônia de aspersão de sangue de animais (cf. Ex 24,8). **A nova Aliança baseia-se no sangue de Jesus.** (Bíblia Sagrada Santuário, 1984, p. 1480, grifo nosso).

O sangue da nova aliança: a primeira aliança de Deus com o povo foi selada pelo sangue das vítimas oferecidas em sacrifício. A nova aliança é feita pelo sangue das vítimas oferecidas em sacrifício. **A nova aliança é feita pelo sangue de Cristo**, vítima oferecida em sacrifício pelo gênero humano. (Bíblia Sagrada Ave-Maria, 1989, p. 1317, grifo nosso).

Aliança: A primeira aliança foi estabelecida pelo sangue aspergido de animais sacrificados (cf. Hb 9,19ss). **A nova aliança tornou-se válida através do sangue vertido do Filho de Deus** (Hb 8,7-13). (Bíblia Shedd, 2005, p. 1376, grifo nosso).

A informação que temos do professor de história Fida Mohammad Khan Hassnain (1924-) demonstra que essa crença da morte de alguém para remissão de pecados não tem guarida entre os judeus, mas, sim, entre os pagãos:

Os judeus da Palestina nunca acreditaram em sacrifício humano, nem na crucificação do messias pelos pecados do mundo. Os pagãos acreditam que seus deuses, Adonis, Attis, Osiris e Mitra morreram pelos pecados da humanidade. Foi Paulo que adotou a ideia de bode expiatório acentuando-a sobre o Cristo crucificado. A teoria do "pecado original" e redenção pela morte do Filho de Deus foi invenção de Paulo. Para mais esclarecimentos, veja Shamas, J. D., *Where Did Jesus Die?*, London Mosque, Londres, cap. 10, chamado "Redemption". (HASSANAIN, 1999(?), p. 119, grifo nosso).

Como se vê, essa crença em um salvador do mundo é antiga, já que a encontramos entre povos pagãos:

III. A LENDA DO SALVADOR DO MUNDO

É impossível reconstruir o caráter, a vida e a verdadeira doutrina do homem que se tornou o **Buda**. Supõe-se que ele tenha vivido entre 563 e 483 a.C. Entretanto, sua mais antiga biografia, a do cânon páli, começou a ser escrita apenas por volta de 80 a.C. no Ceilão [atual Sri Lanka], há cinco séculos e 2.400 km de distância do verdadeiro cenário histórico. **E a vida, a essa altura, tinha-se tornado mitologia – segundo um padrão característico dos Salvadores do Mundo do período entre aproximadamente 500 a.C. e 500 d.C., seja na Índia, como nas lendas dos jainas, ou no Oriente Próximo, como na visão evangélica de Cristo.**

Em resumo, essa **biografia arquetípica do Salvador** fala de:

1. o descendente de uma família real
 2. nascido milagrosamente
 3. em meio a fenômenos sobrenaturais
 4. sobre quem um santo ancião (Simão = Asita), logo após o nascimento, profetizou uma mensagem de salvação do mundo, e
 5. cujas façanhas na infância proclamam seu caráter divino.
- Na sequência indiana, o herói do mundo:
6. casa-se e gera um herdeiro
 7. desperta para sua missão
 8. parte, com o consentimento de seus progenitores (no jainismo), ou secretamente (o Buda)
 9. para engajar-se em árduas disciplinas na floresta
 10. que o confrontam, finalmente, com um adversário sobrenatural, sobre o qual
 11. a vitória é alcançada.

O último citado, o Adversário, é uma figura que nos tempos védicos teria aparecido como um dragão anti-social (Vritra) mas, em concordância com a nova ênfase psicológica, representa agora aqueles equívocos da mente que o mergulho do Salvador do Mundo nas suas próprias profundezas traz a luz, e contra os quais ele está lutando, tanto por sua própria vitória quanto para a salvação do mundo.

Na lenda cristã, não há registro dos anos de juventude representados acima pelos estágios 6 a 8. **Entretanto, os episódios culminantes (9 a 11) estão representados pelo jejum de quarenta dias no deserto onde se deu o confronto com Satã.** Ademais, pode-se argumentar que as cenas infantis da matança dos inocentes pelo rei Herodes, o aviso do anjo a São José e a fuga da Sagrada Família correspondem simbolicamente ao 6, isto é, aos esforços do pai do futuro Buda para frustrá-lo em sua missão, confinando-o no palácio e fazendo-o casar-se depois do que (7) ele foi despertado para sua missão pela visão de um ancião, um homem doente, um cadáver e um iogue, ante o que (8) planejou fugir. Em ambos os casos a narrativa é a de um inimigo régio do espírito, lutando com todos seus recursos – sejam eles maléficos (rei Herodes) ou benignos (rei Suddhodana) – que se mostram vãos para frustrar o infante Salvador em sua predestinada missão.

Seguindo seu encontro cara a cara com o Antagonista e vencendo-o, o Salvador do Mundo:

12. realiza milagres (caminha sobre as águas etc.)

13. torna-se um pregador errante
14. prega a doutrina da salvação
15. a um séquito de discípulos e
16. a uma pequena elite de iniciados
17. um dos quais, menos rápido para aprender do que o resto (Pedro = Ananda), (340) recebe o comando e se torna o modelo da comunidade leiga, enquanto
18. outro, obscuro e traiçoeiro (Judas = Devadatta), está empenhado na morte do Mestre.

Em várias versões da lenda são dadas diferentes interpretações aos temas comuns, coincidindo com as diferenças de doutrina. Por exemplo, 2: enquanto a Virgem Maria concebeu do Espírito Santo, a rainha Maya, mãe do Buda, era uma verdadeira esposa de seu consorte; tampouco o Salvador do Mundo que ela dera a luz era uma encarnação de Deus, o Criador do Universo, mas um *jīva* reencarnado iniciando a última de suas inumeráveis vidas. Igualmente os itens 10-11: enquanto a vida do Buda atingiu o ápice na sua vitória sobre Mara sob a árvore Bodhi, a lenda cristã transfere a Árvore da Redenção para o estágio 19, isto é, a morte do Salvador, que na vida do Buda não é mais do que uma passagem pacífica no final de uma longa carreira de mestre. Pois o ponto principal do budismo não é – como no antigo sacrifício Soma – a imolação física do Salvador, mas seu despertar (*bodhi*) para a Verdade das verdades e, em consequência, a libertação (*moksa*) da ilusão (*māyā*). Por isso, o ponto principal para o indivíduo budista não é se a lenda do Buda corresponde ao que de fato e historicamente ocorreu entre 563 e 483 a.C., mas se serve para inspirá-lo e guiá-lo para a iluminação.

340 Mateus 16:23; *Mahāparinibbana-Sūta* 61.

(CAMPBELL, 1995, p. 203-205, grifo nosso).

Mitra, um dos principais deuses da religião iraniana anterior a Zaratustra, era uma divindade do tipo solar – como se pode ver pela sua cabeça de leão – que **expulsou do céu Ahriman (o mal)**. Formado a partir do antigo deus funcional indo-ariano Vohu-Manah (24), tornou-se objeto de um **culto aparecido uns mil anos antes de Cristo** e, após ter passado por diversas transformações, foi adoptado pela religião romana, de cujo panteão fez parte até ao século IV d.C. **Enquanto divindade, tinha por função carregar com os pecados da humanidade e expiar as suas iniquidades.** Funcionava, assim, como princípio mediador colocado entre o bem (Ormuzd) e o mal (Ahriman), como dispensador de luz e de bens, encarregue de manter a harmonia no mundo e de proteger todas as criaturas. Uma espécie de messias que, segundo seus seguidores, **devia voltar ao mundo como juiz dos homens.** Sem ser propriamente o Sol, representava-o e era invocado como tal. Nas suas cerimônias, era apresentado num viril ou custódia, em tudo idêntica à que muitos séculos depois será utilizada pela Igreja cristã. O deus Mitra hindu, como o persa, é igualmente uma divindade solar, como se pode concluir pelo facto de ser um dos doze Adítias, filhos de Aditi, a personificação do Sol.

Todas as personificações dos deuses solares acabam por ser vítimas propiciatórias que expiam os pecados dos mortais, carregando com as suas culpas. Morrendo de morte violenta, são posteriormente ressuscitados. Assim, Osíris, que nasceu como um salvador ou libertador e veio ao mundo para pôr fim à tribulação dos humanos, teve que enfrentar na sua luta pelo bem o irmão Seth, ou Tifão, personificação do mal (posteriormente identificado como Satanás) que o vence temporariamente e o mata; depositado no seu túmulo, ressuscita e, ao fim de três dias (ou de quarenta, noutras versões), ascende aos céus.

24. Vohu-Manah, a exemplo de Hórus e de outros deuses-filhos, entre os quais se deve situar Jesus Cristo, tinha um papel fundamental, no contexto “Juízo Final”, como intermediário entre os humanos e o deus-pai. Acreditava-se que, quando uma alma chegava ao céu, Vohu-Manah se levantava do seu trono, a pegava pela mão e a conduzia até à presença do grande deus Ahura-Mazda e da sua corte celestial.

(RODRÍGUEZ, 2007, p. 117-118, grifo nosso).

Recomendamos o nosso texto “A morte de Jesus foi para remissão de pecados?”,

disponível em nosso site. ([clique aqui](#)).

Não temos como dar algum valor exegético à afirmação de que "A Bíblia é totalmente contrária a reencarnação e vidas sucessivas (Hb.9:27)", porquanto nossos estudos nos apontam outra direção: "Hebreus 9,28: morrem os homens uma só vez?", disponível em nosso site. ([clique aqui](#)).

Sabe, caro leitor, o porquê de ser tão fácil acreditar que Jesus tenha morrido em nosso lugar, para vivermos eternamente com Deus no céu? Pelo simples fato de que, para a grande maioria dos evangélicos, o inferno é reservado somente para os que não comungam a crença deles. Se, tivessem coerência e pensassem que eles também poderão "amargar" por lá, certamente, que não mais acreditariam no suposto inferno eterno.

Os que já têm uma posição religiosa definição não precisam se preocupar com os espíritas, uma vez que:

O Espiritismo se dirige aos que não creem ou que duvidam, e não aos que têm fé e a quem essa fé é suficiente; ele não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas, e nisto é conseqüente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. [...]. (KARDEC, 2001, p. 36).

Espinosa nos remete a um outro ponto também importante:

A vontade de um homem não pode estar completamente sujeita a jurisdição alheia, porquanto ninguém pode transferir para outrem, nem ser coagido a tanto, o seu direito natural ou a sua faculdade de raciocinar livremente e ajuizar sobre qualquer coisa. (ESPINOSA, 2003, p. 301).

Então, caro pastor, você tem todo o direito de discordar de tudo que envolve a Doutrina Espírita; entretanto, não lhe assiste razão quando quer depreciá-la, a favor de suas próprias crenças, até em obediência ao "*Sim, sim, não, não, pois o que passar daí, vem do maligno*". (Mt 5,37).

O exemplo que os espíritas passam, e que grande parte da sociedade reconhece, é a efetiva ação a favor dos necessitados; são sempre tomados com exemplo de fraternidade e dedicação ao próximo.

Poderia apontar algum interesse dos espíritas em conseguir adeptos? Quanto aos evangélicos, temos um para apresentar: o DÍZIMO. Basta ver o noticiário da mídia dando conta de que certos pastores estão na lista dos homens mais ricos do Brasil, em tão pouco tempo de atividade. Se nossa memória não está nos enganando, tempos atrás foi noticiado que pastores de determinada corrente religiosa recebiam seus salários em percentual do que arrecadavam de dízimo. E ainda vem nos acusar de fraude e engodo?

Se é uma possibilidade que a falsidade pode ser facilmente desmantelada pela verdade de Deus, prepare-se, pois tempo virá em que terá de prestar conta de toda palavra dita.

Antes de finalizar, já que o nosso contraditor gosta tanto de textos bíblicos, que releia este conselho de Gamaliel e o aplique a ele e a todos os que combatem os espíritas:

At 5,37-39: "*E disse-lhes: Homens israelitas, acautelai-vos a respeito do que fazer a estes homens. [...] digo-vos: Dai de mão a estes homens, e deixai-os, porque, se este conselho ou esta obra é de homens, se desfazá, mas se é de Deus, não podereis desfazê-la; para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus*".

Como iniciamos citando Espinosa, não iremos nos furtar do direito de também citá-lo aqui no final:

Ora, se todos possuem o pleno direito de pensar livremente, mesmo em matéria religiosa, não podendo sequer conceber-se alguém que renuncie a esse direito, então todos são igualmente possuidores do pleno direito e da plena autoridade de julgar em matéria religiosa e, conseqüentemente, de a explicarem e interpretarem para si próprios. (ESPINOSA, 2003, p. 137).

Que você, caro leitor, possa analisar tudo quanto foi dito aqui, e tire as suas próprias conclusões.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
mai/2014.

Referências bibliográficas:

- Bíblia de Jerusalém, 3ª impressão. São Paulo: Paulinas, 1987.
- Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida. Brasília, DF: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada, s/edição. São Paulo: SBTB, 1994.
- Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH). Barueri, SP: SBB, 2000.
- Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
- CAMPBELL, J. *As máscaras de Deus – Mitologia oriental*. São Paulo: Palas Athane, 1995.
- CHAMPLIN, R. N. *Evidências científicas demonstram que você vive depois da morte*. São Paulo: Nova Época, 1981(?).
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo a versículo. Vol. 2*. São Paulo: Hagnos, 2005b.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo, vol. 3*, São Paulo:
- CHAVES, J. R. *A face oculta das religiões: uma visão racional da Bíblia*. Santo André, SP: EBM Editora, 2011.
- CHOURAQUI, A. *A Bíblia Matyah (O Evangelho Segundo Mateus)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê*. Rio de Janeiro: Prestígio, 2006.
- ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-político*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FLAMMARION, C. *A morte e o seu mistério. Vol. I*. Rio de Janeiro: FEB, 1989. Hagnos, 2005.
- HARPUR, T. *Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os Evangelhos*. São Paulo: Pensamento, 2010.
- HASSANAIN, F. *Jesus, a Verdade e a Vida*, São Paulo: Madras, 1999 (?).
- JOHNSON, P. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: IMAGO, 2001.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007c.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2006b.
- KARDEC, A. *O Livro dos médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007b.
- KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras, SP: IDE, 1993i.
- KERSTEN, H. E GRUBER, E. R. *O Buda Jesus – as fontes budistas do cristianismo*. São Paulo: Best Seller, 1996(?).
- HARPUR, T. *Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os evangelhos*. São Paulo: Pensamento, 2010.
- LEWIS, D. A leste de Qumran: em busca das raízes da fé ocidental. In KENYON, J. D. (org) *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 37-46.
- PASTORINO, C. T. *A Sabedoria do Evangelho, vol. 5*, Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.
- RODRÍGUEZ, P. *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- SOUZA, J. P. *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.
- TABOR, J. D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origines do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

<http://www.pr.gonet.biz/frases.php?autor=Santo%20Agostinho%20%28354-430%29>, acesso em 06.05.2014, às 18:30hs.

Frase do Papa Francisco: http://www.paixaopelavida.net/site/?page_id=1765, acesso em 10.05.2014, às 18:45hs.

Imagem do Papa Francisco: <http://www.paixaopelavida.net/site/wp-content/uploads/Palavra-da-Igreja-300x96.jpg>